

A METAMORFOSE

de Franz Kafka

Adaptação de José Rubens Siqueira

Esta adaptação foi feita especialmente para linguagem mista de bonecos e atores humanos.

Gregor Samsa, transformado em barata, é um boneco.

A Irmã, a Mãe e a Criada, únicas personagens que entram em cena, são feitas por atrizes.

Mas não aparecem de corpo inteiro.

Toda a ação é vista do ponto de vista da barata e elas, portanto, são vistas pelo público só do peito para baixo.

Os demais personagens, o Pai, o Gerente, o Inquilino, são apenas ouvidos em seus diálogos fora de cena.

As luzes se apagam.

Uma voz masculina muito calma e serena diz, no escuro:

NARRADOR - Quando Gregor Samsa acordou certa manhã de um sonho agitado, viu que estava transformado em um inseto monstruoso.

Som de chuva caindo nos telhados, nas vidraças.

Lentamente, o recorte de luz cinzenta de uma janela se projeta sobre a cama.

Gregor está deitado de costas, as pernas finas mexendo no ar, lentas e desarticuladas.

GREGOR - O que será que aconteceu comigo? (*gira a cabeça com dificuldade, olha o quarto, a janela*) Não gosto de chuva. É triste.

Enquanto ele fala, o quarto se ilumina aos poucos: cama, escrivaninha, sobre a qual há um mostruário de tecidos, aberto; uma cadeira.

Enquanto ele fala, os ruídos da rua ganham volume: cascos de cavalo no calçamento, rodas de carruagem rodando, vozes que passam conversando, um riso fugaz, um cão latindo longe.

GREGOR - (*olha o próprio corpo*) Melhor dormir mais um pouco e esquecer essa bobagem. (*tenta virar de lado, oscilando o corpo; não consegue*) Ah, meu Deus! Que profissão mais cansativa que eu fui escolher: viagem todo dia, trem que atrasa, comida ruim, gente que nem dá tempo de conhecer direito. Que diabo! (*ele estremece*) A gente precisa dormir. Tem viajante que só começa a trabalhar depois do almoço! (*tempo*) Se eu fizesse isso, meu chefe me despedia na hora. Talvez fosse até melhor. Se não fosse por causa do Pai e da Mãe eu ia lá e falava tudo o que acho dele na cara dele. Ele ia cair da cadeira! É. Assim que eu juntar dinheiro para pagar o que o Pai ainda deve lá, eu saio. Mais... o quê? cinco, seis anos e eu saio de lá. Agora, é melhor levantar. (*com grande esforço tenta girar o corpo, olha o despertador*) Seis e meia! Pai do céu! Será que não tocou? (*oscila o corpo com esforço; ofegante, torna a se imobilizar*) Por que é que eu estou com tanto sono? E essa fome?

Batidas de leve na porta.

MÃE (*fora*) - Gregor, quinze para as sete. Não vai pegar o trem?

GREGOR - Vou, sim, mãe. Obrigado. Já estou levantando.

Sua voz soa entrecortada por estalidos e chiados não-humanos.

Batidas mais surdas, com o punho, na porta do outro lado do quarto.

PAI - Gregor, Gregor! (*pausa, e mais severo*) Gregor, Gregor!

As finas pernas de Gregor se agitam, descontroladas. Ele estremece.

Na terceira porta, batidas agudas, rápidas, nervosas.

IRMÃ (*fora*) - Gregor, você não está passando bem? Precisa de alguma coisa?

GREGOR - Estou me aprontando.

PAI (*fora, de outro lado*) - Gregor, abra essa porta! Está pensando que isto aqui é um desses hotéis que você fica para se trancar desse jeito! Abra essa porta! Agora! (*ouve-se um murmúrio indistinto da Mãe; o Pai responde a ela*) Ele não pode tratar a família como estranhos. Trancar a porta por quê?

IRMÃ (*fora*) - Gregor, abra a porta, por favor.

GREGOR - Já, já. (*para si*) Vou levantar tranqüilamente, sem ninguém me incomodar. Me visto, tomo café. Isto aqui não é nada. Já passa. E a minha voz... deve ser uma amidalite séria, doença de viajante. (*agita-se; a coberta desliza e cai; ele se imobiliza, uma única perna se estende e se contrai, devagar, durante um tempo*) Não posso ficar aqui de pernas pro ar.

MÃE (*fora, murmura uma frase indistinta*)

PAI (*fora, para a Mãe*) - Sete e vinte já! O escritório abre às sete. Se ele não chegar logo, é capaz de mandarem alguém aqui para saber o que aconteceu! Gregor, Gregor!

Gregor começa a se balançar na cama, agora determinado, firme; seu corpo vai se deslocando para o lado; quando está metade para fora do colchão, ouve-se a campainha da porta.

GREGOR - Alguém do escritório.

Fora do quarto, uma agitação de passos abafados e murmúrios agitados.

GREGOR (*para si mesmo*) - Eles não vão abrir. Não abram, não abram, não abram, não...

Ruído amplificado da porta sendo destrancada e aberta, com um rangido.

GERENTE (*fora*) - Bom dia. Gregor Samsa, por favor?

GREGOR (*para si mesmo*) - O gerente! Em pessoa. Ô, mas pra que isso? Não podiam mandar alguém menos... Não. (*oscila o corpo*) Eu tenho de botar o pé no chão.

Conversas indistintas lá fora.

Gregor dá um impulso decidido e cai no chão, com um ruído seco, amplificado.

GERENTE (*fora*) - Caiu alguma coisa lá dentro.

As perninhas funcionam, Gregor se desloca um pouco para um lado.

IRMÃ (*fora, cochichando alto*) - Gregor, o gerente está aí! Não faça assim, Gregor!

Gregor caminha para o lado de onde vem a voz dela.

GREGOR (*para si mesmo*) - Eu sei.

PAI (*fora*) - Gregor, o gerente veio saber por que você não foi trabalhar. A gente não sabe o que dizer. Ele quer falar com você. Abra a porta. Ele não vai reparar no quarto.

Gregor caminha para o lado de onde vêm as vozes.

GERENTE (*fora*) - Bom dia, Gregor.

MÃE (*fora*) - Ele não está se sentindo bem. Acredite! É um bom moço. Só pensa no trabalho. Eu fico até preocupada. Ele não sai de casa. Nunca. Nem nesta semana que não viajou, não saiu nem uma noite. É até bom o senhor estar aqui. Senão era capaz de ele não abrir a porta. Tenho certeza que está doente. Ele diz que não, mas eu tenho certeza.

GREGOR - Já estou saindo.

GERENTE *(fora)* - Eu não sei o que dizer.

PAI *(fora, batendo na porta)* - Então, Gregor? Abra para o seu gerente.

GREGOR - Não.

IRMÃ *(fora, do lado oposto)* - Gregor... *(ela cai em prantos, soluçando alto)*

Gregor caminha agitado de um lado para outro, nervoso, tentando colocar-se na vertical.

GERENTE *(fora)* - Gregor, o que que há? Seus pais aqui estão preocupados. Eu não estou entendendo mais nada. Quando a gente viu que você não chegava agora de manhã, o chefe da firma chegou a pensar que era por causa das amostras novas que você pegou em confiança. Eu garanti para ele que não podia ser isso, que você é uma pessoa de confiança, e me ofereci para falar pessoalmente com você. Mas agora... O que é que eu posso pensar? Eu não queria dizer isso na frente dos seus pais, mas não tem outro jeito: você assim está se arriscando a perder o emprego, rapaz. Ultimamente, as suas vendas...

GREGOR *(empinando o corpo; o esforço de falar e tentar se levantar provoca estalidos e chiados, como se uma segunda voz, paralela, soasse junto com suas palavras)* - Eu já vou abrir. Calma. Estou me sentindo meio mal. Uma tontura. Estou saindo da cama. Mas já estou melhor. Estou levantando. Só mais um minutinho. Eu ontem já não estava bom, mas não quis dizer nada para ninguém se preocupar. Nem aqui em casa, nem no escritório. Por favor, não faça a minha mãe ficar nervosa E o meu pai também. O chefe deve ter esquecido os pedidos que eu trouxe da última viagem. Por favor, não perca seu tempo aqui comigo. Pode voltar para o escritório. Diga que eu chego logo. Antes das nove estou lá. Por favor, me explique com o chefe. Eu já estou indo.

GERENTE *(fora)* - Vocês entenderam o que ele disse?

MÃE *(fora)* - Meu Deus do céu! Deve estar doente de verdade. E a gente aqui atormentando o coitado. Grete! Grete!

IRMÃ *(fora, alto, do lado oposto)* - Que foi, mãe?

MÃE *(fora)* - Vá chamar o médico, filha. Gregor está doente. Chame o médico. Depressa! Você viu a voz dele?

GERENTE *(fora)* - Era a voz de um animal.

PAI (*fora*) - Anna! Anna! Vá buscar o chaveiro. Depressa, menina! Depressa!

Correria lá fora, murmúrios nervosos.

A porta da rua se abre e bate com grande ruído.

GREGOR (*para si*) – Eu vou abrir essa porta. Se assustarem comigo é porque estou doente mesmo. Se não assustarem, então posso sossegar. Sinal que é só impressão minha. Que não aconteceu nada. Tomo café e pego o trem das oito e dez. De qualquer jeito, o médico e o chaveiro já vão chegar. E a minha voz, isso aqui deve ser uma dor de garganta, amidalite, faringite, só isso.

Enquanto fala, ele tenta com grande esforço se levantar.

Descobre o apoio da parede e coordenando as patinhas se põe na vertical.

Agarra a fechadura com a boca. Mexe a cabeça e começa a girar a chave.

A chave estala com ruído amplificado.

GERENTE (*fora*) - Escutem! Ele está abrindo a porta.

Gregor anda pela parede e pela porta, circulando em torno da chave presa na boca.

A fechadura range e estala, amplificada, até se abrir.

Gregor agarra a maçaneta na boca e coloca seu peso nela.

As perninhas se agitam, soltando e grudando na parede.

Forçando para baixo, a maçaneta cede, a porta se abre e gira nas dobradiças.

Gregor, grudado atrás dela, desaparece.

Os murmúrios cessam lá fora: silêncio absoluto.

Gregor dá a volta caminhando verticalmente pela porta e se detém na abertura.

GERENTE (*fora*) - Ahh!

MÃE (*fora*) - Jesus, Maria, José!

PAI (*fora*) - O que significa isso?

As vozes soam em meio a grande agitação, como se todos recuassem às pressas: uma cadeira tomba, louças sacodem sobre a mesa, um pires se espatifa, e ouve-se o ruído de chá ou café escorrendo da mesa para o chão.

GREGOR (*parado na abertura da porta, metade do corpo para fora do quarto*) – Pronto. Eu agora vou me vestir, pego as amostras e sigo para o escritório. Claro que é cansativo ser viajante, mas o senhor sabe muito bem que eu não posso perder o emprego. Nem quero.

GERENTE (*fora*) - Ahh!

Passos do Gerente correndo, a porta da rua se abre, os passos mudam de som quando ele pisa o mármore do patamar da escada externa. Os passos se detêm.

MÃE (*fora, chorando baixo*) - Não. Não. Não. Não.

GREGOR (*falando mais alto, para o Gerente lá fora*) - Por favor, volte! Avise no escritório que eu chego logo. Não há por que se preocupar. Isto é só uma indisposição. Diga que o senhor está me entendendo.

GERENTE (*fora*) - Ahh!

A porta da rua bate forte.

A Mãe chora mais alto.

GREGOR - Mamãe. Mamãe.

Gregor sai do quarto e desaparece na sala.

Passos do Pai se aproximando dele lá fora, pisando forte.

GREGOR - Pai.

MÃE (*fora*) - Não, por favor, não! É seu filho! Não!

O Pai bufa e chia, batendo um jornal na perna; bate o pé, espantando Gregor.

Gregor tenta entrar no quarto, mas a porta fechou-se um pouco e ele entala na abertura.

Ouvem-se golpes.

As perninhas se agitam, as antenas giram, seu corpo se sacode: uma, duas, três vezes.

Ele não geme. Ao terceiro golpe, seu corpo é atirado para dentro do quarto.

Pela porta, penetra violentamente o braço do Pai completando o golpe de bengala.

A porta se fecha com violência, a chave gira na fechadura.

Música.

A luz se apaga lentamente.

Depois de um breve tempo, o ruído dos bondes passando na rua se mistura à música.

A luz dos bondes que passam se projeta pela janela para dentro do quarto.

Aos poucos o quarto fica em penumbra.

Gregor está dormindo, no mesmo lugar onde caiu.

Ruído amplificado da chave girando cuidadosamente na fechadura, para não fazer barulho.

Gregor se sobressalta e desperta, mudando ligeiramente a posição do corpo.

A porta se abre. Apenas uma fresta. Por ela, passa a mão da Irmã, colocando no chão uma tigela de comida. E a porta volta a se fechar. Ruído da chave girando na fechadura.

Gregor agita as antenas, vira o corpo na direção da tigela.

Em movimentos espasmódicos, avança, arrastando, inerte, uma perninha inutilizada.

Ele tenta virar a cabeça para tocar com as antenas o lado do corpo que ficou machucado na porta. Não consegue.

Depois de alguns esforços, consegue esfregar uma perna no lado do corpo, gemendo de dor, baixinho, misturando sons humanos e sons de barata.

Ainda meio torto, sempre arrastando a perninha, vai até a tigela.

Enfia a cabeça dentro do leite com pedacinhos de pão. E bufa, tentando beber.

Mas sente engulhos e tosse, e escarra. Todo seu corpo se arqueia de asco.

Agitado, recua até o meio do quarto.

Olha a porta: pelas frestas do batente, passa a luz da sala.

GREGOR - *(para si)* Se não tivesse acontecido tudo isso, o Pai agora ia estar sentado na mesa da sala, lendo em voz alta o jornal da tarde. A Mãe e a Grete ouvindo, costurando. Que vida tranqüila a minha família leva. Graças a mim. Eu fico muito orgulhoso deles morarem neste apartamento tão simpático, da minha irmã viver a vida sem atropelo. Ano que vem quero que ela vá para o conservatório. Mas

vai ser surpresa. A coisa que ela mais sonha na vida é estudar violino. Ano que vem.

Um violino soa ao longe.

Enquanto fala, ele começa a se deslocar para frente e para trás, treinando as perninhas, arrastando a perninha ferida.

Chega a subir com as patinhas da frente na lateral da boca de cena, mas retorna ao chão.

A luz cai lentamente até black out.

A música do violino fica mais presente.

A luz volta a subir.

A música desaparece aos poucos.

Embaixo da cama, Gregor está dormindo.

Ruído na fechadura, a porta se abre um pouquinho, vê-se parte do corpo da Irmã, ela olha para dentro do quarto, sem entrar.

Gregor desperta de repente.

IRMÃ - Meu Deus do céu, ele tem de estar em algum lugar. Não pode ter sumido!

Gregor estremece.

A Irmã entra, cautelosamente.

IRMÃ - Greg... Não, não posso chamar. Nem sei se ele entende...

De repente, ela estaca ao vê-lo debaixo da cama.

Ela dá um gritinho de susto e sai correndo, batendo a porta.

Gregor suspira profundamente.

A porta volta a se abrir.

Gregor observa, trêmulo.

A Irmã entra de novo, pisando na ponta dos pés.

Estaca ao ver a tigela.

Com o bico do sapato, ela empurra a tigela para fora do quarto, com muito asco.

Sai, tranca a porta.

MÃE (*fora*) - Como ele está? Não comeu nada! Sempre gostou tanto de leite com pão e agora não quis. Coitado! O que você vai dar para ele agora?

IRMÃ (*fora, perturbada*) Não sei, mãe. Não sei. Tenho de pensar.

Música.

A luz se apaga lentamente até black out.

A luz se acende lentamente.

É de manhã.

A música aos poucos se funde aos ruídos matinais que soam na rua.

No chão, há um jornal com diversos alimentos.

Gregor avança até o jornal.

No meio do trajeto se detém.

GREGOR (*para si*) - Incrível! O machucado sarou. Ontem, quando eu era humano... ou foi na semana passada? Não sei mais. Não interessa. Antes, eu cortei o dedo de leve, e ficou dias doendo. Agora... ontem me espremi na porta, hoje já estou bom. Será que estou perdendo a sensibilidade? Ou estou mais forte, só isso? As pernas é que estão tremendo um pouco. Deve ser de fome. Vamos ver o que a Grete trouxe para mim aqui. Eu nem vi quando ela entrou. Dormi pesado.

Examina os alimentos sobre o jornal, farejando e tocando com as patinhas.

GREGOR - Verdura, ossos, do jantar de ontem, decerto, com molho grosso, que eu gosto. Passas, amêndoas, esse queijo horrendo que a Mãe comprou semana passada, pão com manteiga (*fareja*) com sal, e outro sem sal. E água na tigela.
 (*roendo o queijo*) O queijo é ótimo. Por que é que eu não gostei?
 (*com asco, empurrando as amêndoas, os pães, as passas*) Coisa fresca dá nojo.
 (*come com apetite as verduras*) Quem diria que eu um dia ia gostar de verdura podre, de queijo azedo, de molho rançoso... (*ri baixinho*)

A chave gira na fechadura.

Gregor corre se esconder embaixo da cama.

Mas está cheio de comida, o corpo mais grosso e tem de se espremer para entrar.

Agitado, comicamente ele tenta de um lado, de outro, até conseguir se enfiar sob a cama.

A porta se abre e vê-se as pernas da Irmã que entra, cautelosa, com uma vassoura na mão.

Ela varre o jornal para fora, mantendo-o o mais longe possível do próprio corpo.

Sai e fecha a porta.

Gregor suspira, satisfeito e aliviado.

MÃE (*fora*) - Comeu?

IRMÃ (*fora*) – Hoje ele gostou do que eu levei.

MÃE - O que, coitadinho?

IRMÃ - Não interessa. Melhor a senhora não saber. Comeu. Pronto.

MÃE - Bondade sua cuidar dele, filha.

IRMÃ - A senhora não diga nada para o papai, hein?

MÃE - Isso, isso! A gente coloca a comidinha dele todo dia antes do Pai acordar, não é?
Assim ele não fica zangado. Coitado! Ver o único filho... (*chora*)

IRMÃ - Calma, Mãe. Não precisa chorar. (*tempo*) E ele não é o único filho.

MÃE - Claro, claro, meu bem, mas você é mulher. E nós mulheres...

IRMÃ - Não vamos começar com esse assunto outra vez, Mãe. A senhora sabe o que eu penso...

As falas ficam indistintas, afastam-se, silenciam.

Gregor tenta sair de debaixo da cama.

Está entalado, porque engordou com a comida.

Comicamente ele mexe de um lado, de outro, até conseguir se soltar um pouco, arrastando a cama no movimento.

Conforma-se, fica entalado.

Acomoda-se e baixa as perninhas, adormecendo.

A luz cai em resistência.

Soa o violino da irmã tocando sofrivelmente bem um adágio triste (do Concerto n.º. 1 para violino de Max Bruch, talvez).

A luz se acende.

Gregor não está em nenhum lugar visível.

De repente, na lateral da boca de cena, surgem só as perninhas enormes de um lado dele visíveis para a platéia, andando pelo lado de dentro até o alto. E desaparecem.

Depois de uma pequena pausa, surge, na moldura superior da boca de cena, a parte de baixo do corpo de Gregor, o rabo afilado, o ventre mole. As asas marrons e finas tremulam, nervosas. E o corpo desaparece.

Depois de uma pequena pausa. Na outra extremidade, aparece subitamente a enorme cabeça da barata que se inclina de um lado e outro analisando a platéia, investigando com as antenas, piscando os olhos. E desaparece.

Depois de um tempo, o corpo da barata cai de costas no centro do palco, com um ruído seco. Levanta-se, escala a parede e fica dependurado do teto, aproveitando a lei da gravidade para balançar nas perninhas. E torna a cair no chão com um ruído.

Rapidamente se levanta, torna a subir pela parede, a balançar-se no teto. Torna a cair de costas no chão.

Gregor está brincando. Ouve-se um misto de estalidos e voz. Ele talvez esteja rindo.

Ao som triste do violino da Irmã que ainda toca, a luz vai caindo em resistência.

No escuro, a música se funde a vozes sussurradas, indistintas, lá fora.

A luz sobe junto com Gregor que desperta e inclina a cabeça para ouvir.

Ele se aproxima da porta, sobe na porta, fica na vertical, grudado à porta, virando a cabeça de um lado para outro, tentando ouvir.

Aos poucos, as vozes lá de fora ficam mais distintas e se entende o que dizem.

PAI (*fora*) - Mas será que não se podia falar de outra coisa?

MÃE - Fale baixo, meu querido.

PAI - O que? Será que eu não posso mais falar na minha própria casa?

IRMÃ - Pai, por favor.

MÃE - É. Não vamos piorar as coisas. Fique calmo, Samsa.

PAI - Você acha que a criada está sabendo do que aconteceu com... com ele?

MÃE - Não sei.

IRMÃ - Claro que sabia. Ela se ajoelhou aos pés da Mãe e implorou para ir embora.

PAI - Você mandou a moça embora?!

- IRMÃ - Não, Pai. Ela foi porque quis, chorando de gratidão, como se fosse uma bênção ser despedida do emprego.
- PAI - Mas agora vocês duas vão ter de cuidar de tudo sozinhas...
- MÃE - Não tem importância, Samsa.
- IRMÃ - É. Não tem importância. Ninguém vai morrer de fazer serviço de casa.
- MÃE - Mas as suas mãos, filha, o violino...?
- IRMÃ - É bom ter mão forte para tocar violino.
- PAI - Pois eu acho que uma moça...
- MÃE - Samsa, por favor. *(pausa)* Coma, filha, você não tocou na comida.
- IRMÃ - Não. Obrigada, Mãe, não estou com fome.
- PAI - Agora, prestem atenção que vou explicar de novo: este dinheiro que eu consegui salvar depois da falência...
- MÃE - Mais os juros desses cinco anos...
- PAI - ... dá para um, dois anos no máximo.
- IRMÃ - Coitado do Gregor. Sempre foi tão generoso com a gente, com a família.
- PAI - Como eu estava dizendo, é melhor não tocar nesse dinheiro. É o nosso capital para um momento de urgência, de necessidade.
- MÃE - Toda semana entregava o salário quase inteiro para mim.
- PAI - É uma pena, mas não dá para viver dos juros.
- IRMÃ - Se não fosse o Gregor, não sei o que teria sido da gente. Todo mundo já estava acostumado a receber o dinheiro dele.
- PAI - Os juros vão ajudar, mas não basta, não.
- MÃE - Eu sou muito agradecida, sou, sim.
- PAI - O dinheiro para viver vai ter de ser ganho. Ganho.
- MÃE - Como?
- IRMÃ - Por nós?

Gregor escorrega pela porta e fica deitado no chão.

As vozes se transformam de novo em um murmúrio indistinto.

GREGOR *(para si)* - Por ele é que não. Nesses cinco anos que ficou parado, o Pai engordou tanto, tanto, que tem dificuldade até para se mexer na cadeira. A Mãe, com

aquela asma, não pode ajudar muito. O dia inteiro na frente da janela aberta para respirar. Grete é que vai ter de se encarregar de ganhar a vida. *(enquanto fala, ele vai andando pelas paredes, pelo teto)* Coitadinha. Criança ainda! Dezesete anos! Não sabe fazer nada! Só tocar violino. Eu queria tanto que ela fosse para o conservatório. *(Pendurado de cabeça para baixo, ele suspira e deixa cair com ruído o corpo ao chão.)* Se eu pudesse pelo menos falar com ela... *(começa a empurrar a cadeira para perto da janela)* ...agradecer o que está fazendo por mim: me traz comida, ajeita o quarto, deixa sempre a janela aberta assim... só a cadeira é que ela esquece de deixar no lugar. Me sinto tão mal... *(acomoda-se na cadeira, olhando a rua)* Quando comecei a trabalhar para pagar a dívida do Pai, eu me esforcei. Me esforcei mesmo. Em dois meses passei de auxiliar de escritório para viajante. *(novo suspiro)* Engraçado, o pai nunca falou desse dinheiro guardado. Me sinto tão mal... A Grete cuida de mim, claro, mas cada vez que entra, vai correndo abrir a janela e fica lá, respirando, sufocada, por mais frio que esteja. Por minha causa. Eu devo estar cheirando mal. Ela tem nojo. Devia fazer... o quê? ...uns quinze dias que eu estava assim, ela veio mais cedo um dia e me pegou aqui, na cadeira, olhando a rua... Que susto que ela levou, coitada! Saiu correndo, bateu a porta, ficou chorando lá fora. Eu ouvi. Por minha causa. Tudo por minha causa. Se eu pudesse...

Ele se cala.

Música.

Muito triste, ele fica a olhar a rua lá fora.

De repente, Gregor tem uma idéia.

Desce da cadeira, vai até a cama.

Com grande esforço, consegue pegar o lençol por uma ponta.

Decidido, mas com grande dificuldade, devido à forma de seu corpo, ele estende o lençol parte sobre a cama, parte caindo, como uma cortina até o chão.

Ao terminar, está exausto, ofegante. E se imobiliza, a descansar.

Ruído na porta: Gregor corre para baixo do novo esconderijo.

A porta se abre, a Irmã entra e para, olhando em volta.

IRMÃ - Meu Deus, será que ele...? (*faz um pequeno gesto, indicando que percebeu a cortina de lençol, na cama*) Ah! Sei. Entendi. Melhor assim. Para nós dois... Obrig... (*um soluço contido de choro*) Será que ele entende o que eu digo? Será? Ai, meu Deus... (*ela chora baixinho, Gregor arrisca olhar por trás da cortina de lençol*)

A Irmã controla-se, pega um lenço da cintura, enxuga os olhos, assoa ruidosamente o nariz.

Ajeita a roupa, sai e fecha a porta.

Gregor põe a cabeça toda para fora do lençol e fica ouvindo.

MÃE (*fora*) - Ele está bom?

IRMÃ - Uhm-hum.

MÃE - Comeu?

IRMÃ - Uhm-hum.

MÃE - Acha que está melhor? (*um tempo*) Um pouquinho melhor?

PAI - Como melhor, mulher?

MÃE - Eu queria tanto ver o Gregor.

Gregor saia de debaixo da cama e avança até o meio do quarto, fica olhando a porta, inclinando a cabeça para um lado e outro, escutando a conversa.

IRMÃ - Ele não quer ser incomodado, Mãe.

PAI - É. A Grete tem razão.

MÃE (*para Grete*) - Ele disse isso para você?

IRMÃ - Ele não fala mais, mãe.

MÃE (*chorosa*) - Mas será que entende?

IRMÃ - Não sei.... não sei.

MÃE - O que que ele está fazendo lá dentro?

IRMÃ - Nada. Está embaixo da cama.

MÃE (*chorando mansinho*) - Embaixo da cama!!!

IRMÃ (*irritada*) - É, embaixo da cama, Mamãe. O que é que tem?

PAI - Não fale nesse tom com a sua mãe.

IRMÃ - No estado dele... *(mais irritada)* O pior é quando fica andando pelas paredes, pelo teto.

MÃE *(explodindo em lágrimas)* – Pelo teto?!? Meu filho! Coitadinho!

PAI - Não fique assim, mulher. Grete, faça o favor, ajude sua mãe.

IRMÃ - Calma, Mãe. Olhe, por mim, acho que o melhor era a gente tirar os móveis todos do quarto. Menos a cama. Ele pode se machucar, sei lá, cair de costas numa quina.

MÃE *(chorando mais)* - Ai! Vocês não entendem! Eu preciso ver meu filho! Preciso! Preciso!

A Mãe tem uma crise de choro e é consolada pelo marido e pela filha, com palavras indistintas para o público.

Gregor relaxa as perninhas e encosta a barriga no chão.

Dá um grande suspiro e limpa com a patinha uma grossa lágrima.

A luz se apaga devagar.

Ruído da chave girando na fechadura.

A luz se acende subitamente.

Gregor está no mesmo lugar.

Assusta-se com o ruído da chave, corre em círculo e vai se esconder embaixo da cama, por trás da cortina de lençol.

A porta se abre. Entra a Irmã, olha em torno, estende a mão para fora da porta.

IRMÃ - Pode entrar. Ele está escondido.

MÃE - É mesmo? Ai...!

A Mãe entra, pé ante pé.

Olha em torno. Leva o lencinho à boca.

A Irmã pega a Mãe pela mão e atravessa o quarto puxando por ela.

Durante toda a cena, as duas falam baixo, quase sussurrando.

IRMÃ - Vamos pegar primeiro a cômoda.

MÃE - É tão pesada...

IRMÃ - A gente dá um jeito.
MÃE - A gente sem empregada...

Saem pelo lado oposto.

IRMÃ (*fora*) - Venha. Eu agüento. O que não dá é para pedir para o papai.

MÃE (*fora*) - Deus me livre! Ele já fica tão cansado com esse emprego novo.

IRMÃ (*fora*) - Que nada! Está sendo bom para ele. Em dois meses, até já emagreceu...

MÃE (*fora*) - É. Ele fica bem elegante naquele uniforme. Você cuida tão bem do seu pai...
Até os botões dourados ficam brilhando. Queria tanto que Gregor visse o pai dele assim: animado, trabalhando de novo...

IRMÃ (*fora*) - Empurre, mãe.

MÃE (*fora*) - Claro, filha, claro.

As duas entram em cena empurrando uma pesada cômoda de gavetas.

Durante algum tempo, lutam com o móvel pesado demais para elas, gemendo, ofegando.

No meio do espaço param para respirar e enxugar o suor com lençinhos rendados.

MÃE - Quem sabe não era melhor deixar tudo como está, hein, filha? Já imaginou este quarto sem móvel nenhum? Vai ficar parecendo uma caverna.

IRMÃ - Bobagem, mamãe.

MÃE - Além do mais, será que seu irmão não vai achar que a gente desistiu dele, que perdeu a esperança de ver ele curado? Será que não vai sentir que a gente está abandonando o coitadinho?

IRMÃ - Não, mãe. É melhor assim. Ele precisa de espaço livre.

MÃE - Mas isto aqui é pesado demais, Grete. Nós nunca vamos conseguir levar para o seu quarto antes do seu pai chegar.

IRMÃ - Quer deixar aqui? No meio do quarto? Para ele cair em cima e se machucar?

MÃE - Não, não, pelo amor de Deus. Vamos.

As duas continuam lutando com a cômoda e conseguem arrastá-la para fora de cena.

Assim que saem, enquanto ainda se ouve o barulho do móvel sendo arrastado lá fora, Gregor sai de seu esconderijo e vai até a porta aberta, espia para fora.

Volta para dentro, gira sobre si mesmo no centro do quarto.

GREGOR - Dois meses?! Eu... não sou mais uma pessoa? Não senti passar... Meu quarto vazio? A Mãe tem razão. Minha escrivania... a lição de casa no curso primário, no secundário, no curso de contabilidade... Minha vida... A Grete... tão firme, forte. Como cresceu! Criança esvaziar o meu quarto. Se tirar tudo, aí que ninguém mais entra aqui. Nunca. Não posso deixar. Minha vida. Não posso...

Aflito, com a voz quase tomada pelos chiados e estalidos de barata, ele trepa na parede e fica parado na vertical, diante da porta.

IRMÃ (entrando) – Vamos ver o que a gente tira agora.

Ela vê Gregor na parede, volta-se para deter a Mãe que vem vindo atrás dela.

IRMÃ - Mãe, é melhor...

Mas é tarde demais, a Mãe já está na porta a seu lado.

A Irmã disfarça o melhor que pode, tenta puxar a Mãe para fora do quarto.

A Mãe percebe que ela dá uma olhada para trás e olha também.

Vê a grande mancha marrom de Gregor na parede.

Estaca, vira-se e cobre a boca com as mãos.

MÃE - Meu Deus!.... Meu Deus!

IRMÃ (com raiva, mostrando um punho cerrado para o irmão) – Gregor!

A Mãe fraqueja e quase desmaia.

Grete a ampara e saem rapidamente do quarto.

Gregor sobe pela parede e desaparece.

Lá fora, a irmã acomoda a Mãe que chora numa poltrona.

Agitada, Grete mexe em frascos de vidro. Um deles se espatifa no chão.

IRMÃ - Droga!

Mais ruído de vidros, os pés dela correndo.

A Mãe aspira fundo os saís e para de chorar.

Gregor desce pela parede e sai pela porta.

Passa-se um momento.

MÃE - Ai, não! Meu filho!

Ruído do corpo da Mãe caindo no chão.

A porta da rua se abre.

PAI - O que é isso? Por que sua mãe está assim sem roupa no chão?

IRMÃ - Tirei a blusa dela para ela respirar melhor. Mamãe desmaiou. Duas vezes.
Gregor... escapou.

O Pai solta um quase grito ao ver Gregor lá fora.

PAI - Eu sabia!...

Ouvem-se ruídos de coisas caindo ao chão.

IRMÃ - Pai! Pai!

Um maçã, atirada de fora, rola para dentro do quarto.

E outra. E mais outra.

Ouvem-se ruídos de outras maçãs acertando a parede e o chão lá fora.

De repente, Gregor chia e estala lá fora.

Entra pela porta andando de costas, uma maçã cravada numa grande ferida em suas costas, da qual escorre uma substância amarelo-esverdeada.

Um outra maçã passa voando por ele.

MÃE - Não, Samsa, não! Não faça isso! É nosso filho! Nosso filho!

Gregor para no meio do quarto, o corpo oscilando para cima e para baixo, vibrando de dor.

E desmaia.

A luz se apaga subitamente.

Música.

No escuro, ouve-se a voz do Pai.

PAI - Deixe a porta aberta, Grete. Apesar de tudo seu irmão ainda faz parte da família.

Um retângulo de luz entra pela porta e ilumina Gregor parado no centro do quarto.

A maçã, agora apodrecida, continua cravada em suas costas, cercada por uma grande inflamação.

Ele oscila o corpo, alquebrado.

PAI - Tanta costura, mulher. Vai ficar cansada.

MÃE - Eu gosto. Essa renda é bonita.

O Pai começa a rressonar imediatamente.

MÃE (*tristemente sorridente*) - Ele fica tão cansado.

IRMÃ - Devia tirar o uniforme antes de dormir assim na poltrona. Amassa tudo.

MÃE - É. Mais trabalho para você, além de tudo o que já tem para fazer.

IRMÃ - Eu também gosto do meu trabalho, mãe.

MÃE - O dia inteiro atrás do balcão e ainda estudar assim de noite. O francês ainda entendo um pouco, mas essa outra coisa...

IRMÃ - Taquigrafia, mãe.

MÃE - Não é demais?

IRMÃ - Vai ser bom para mim.

PAI (*despertando com um breve ronco*) – Que vida! Isso não é jeito de envelhecer...

MÃE - Devia ir deitar na cama, Samsa.

PAI - Não, não... É cedo. (*e volta a rressonar*)

A sombra de uma delas cruza o retângulo de luz da porta e se projeta para dentro do quarto.

Gregor recua para a sombra.

Durante o restante da conversa ele volta a espiar a sala.

MÃE - Acha mesmo que vai dar para a gente pagar uma criada?

IRMÃ - Dá. A moça veio?

MÃE - Veio. Não é lá muito moça, mas é forte. Rija. Gostei da cara dela. Começa amanhã. Chega cedo, faz a arrumação e a comida, depois volta de tardezinha para lavar a louça e passar a roupa. Acho que está bom assim.

IRMÃ - Se a gente pudesse mudar para um apartamento menor, nem precisava tudo isso.

MÃE - Não, não... Ficou muito grande para nós depois que seu irmão... mas seu pai não quer nem ouvir falar de mudar.

IRMÃ - Gregor podia...

Pausa.

MÃE - O que?

IRMÃ - Nada. Nada.

MÃE - Não vai tocar um pouco hoje?

IRMÃ - Hoje não. Estou cansada.

A sombra de uma delas torna a cruzar o retângulo de luz.

Gregor se esconde no escuro.

IRMÃ - Posso fechar agora?

MÃE - Pode, sim. Vamos botar seu pai na cama.

A porta se fecha.

Na penumbra, Gregor vai ficando visível aos poucos, o corpo oscilando para cima e para baixo, inquieto e nervoso.

Lá fora, indistintas as breves frases gentis da Mãe e da Filha convencendo o Pai a ir deitar.

GREGOR (*sua voz é quase incompreensível por baixo dos estalos e chiados de barata*) -
 Quem vai ter tempo de pensar em mim? É por minha causa que não podem mudar. Vergonha de mim, vergonha de ter acontecido justo com eles uma coisa dessas... Culpa minha o pai servindo café no banco de uniforme, Grete o dia inteiro atendendo no balcão, a mãe costurando roupa para gente estranha... Ah, se eu ainda fosse a mesma pessoa...

Música.

Suavemente, manchas coloridas e indistintas começam a se movimentar na parede dos fundos.

Gregor entra em uma espécie de delírio de lembranças, pontuado por risos femininos e masculinos, retalhos de música, ruído de trem, tilintar de copos.

GREGOR (*voz normal*) – A próxima vez que essa porta abrir eu cuido de tudo. Grete vai para o conservatório, vai, sim, porque o Natal já deve ter passado faz tempo; não vai ter chefe, nem gerente me dizendo o que fazer, vou levantar a cabeça dessa vez, vender como nenhum deles nunca vendeu, eu tenho amigos, dois ou três só, é verdade, mas bons e bem colocados, podem me ajudar, aquela menina de cabelo vermelho naquele hotel de não sei mais onde foi gostoso mas passageiro a moreninha da loja de chapéu muito melhor mas caprichei demais demorei perdi a chance e agora isto agora isto isto a Grete se limita a atirar qualquer coisa para dentro de manhã e varrer o resto de noite sem nem olhar se eu comi ou não nem uma varrida um pano a poeira gruda nas minhas patas voa quando eu ando me arranha a garganta vamos ver se com a empregada agora nova melhora um pouco se não tiver medo de mim desprezo nojo.

Ao longo do delírio de Gregor, as luzes da parede do fundo se transformaram em uma muralha de olhos. Ele está sozinho em seu quarto com milhares de olhos severos pousados sobre ele.

A música de fundo cresce e domina.

A luz da cena vai baixando lentamente, permanece apenas a parede de olhos.

Que em seguida vai se apagando lentamente até escuro total.

Subitamente a luz se acende.

Gregor desperta sobressaltado e recua uns passos.

Todos os móveis desapareceram do quarto. Até a cama.

A parede dos fundos continua repleta de olhos à espreita.

Mas diante dele, na frente da porta completamente aberta, está a nova criada: uma mulher grande, de braços fortes aparecendo debaixo das mangas arregaçadas.

De mãos na cintura ela o observa, curiosa.

CRIADA - Acordou, hein? Olha só que bicho feio! Venha cá, seu rola-bosta! *(pausa, a mulher o examina)* Sabe que a coitada da sua mãe lavou o seu quarto inteiro com as própria mão, ajoelhada no chão? E sabe o que que ganhou em troca? Sua irmã brigou com a velha, disse que só ela que pode entrar aqui, seu pai quase que teve um negócio batendo boca com as duas. E você aí dormindo, no bem bom, dormindo dois dia que até pensaram que tinha morrido. *(pausa)* Que negócio podre é esse aí na sua costa? Fuu! Tá fedendo demais!

Ao longo da fala, Gregor se agita, andando para a frente e para trás, usando a cabeça para puxar o corpo meio aleijado.

Por fim, irritado, avança para a mulher o mais depressa que consegue.

Empina a parte fronteira do corpo ameaçadoramente para ela.

A Criada não recua. Simplesmente levanta a vassoura.

Os dois se confrontam, imóveis.

CRIADA - Vem, bicho feio. Vem pra você ver.

Depois de um breve tempo, Gregor recua, fica de costas para ela.

CRIADA - Eu que vou cuidar daqui agora, tá ouvindo? Sua irmã tem de ajudar sua mãe a cuidar do inquilino.

À menção de inquilino, Gregor vira a cabeça e olha a Criada.

CRIADA - Isso mesmo: pegaram um inquilino pra ajudar nas despesa. Mas eles não quer que eu sirvo a mesa, não. Sua mãe e sua irmã é que serve. E ninguém não pode saber que tem um bicho feio e fedido que nem você na casa. De modos que é melhor ficar bonzinho que comigo não tem folga, não.

A Criada sai e bate a porta com ruído.

Mas a porta não fecha, gira com um leve rangido e fica entreaberta.

Imediatamente, soam lá fora os ruídos dos preparativos do jantar.

Gregor se arrasta penosamente até a fresta da porta para olhar, puxando o corpo com a cabeça.

Lá fora, a família se empenha na recepção do novo morador.

PAI - O senhor pode sentar aqui. Não, não faço questão.

INQUILINO - Bom.

PAI - Minha mulher vai servir a carne...

MÃE - Grete, pode por as batatas aqui, meu bem. E volte para a cozinha. Eu cuido da tudo. (*tilintar de talheres*) Está bom este ponto para o senhor? Não está muito passada?

INQUILINO - Bom. Bom.

MÃE - Prontinho. Não, não, acho melhor...

PAI (*socorrendo a mãe que não sabe o que dizer*) - Nós já comemos lá dentro. É. Fique à vontade. À vontade, a casa é sua.

De repente, começa a soar o violino de Grete na cozinha.

Gregor chia baixinho, estala, e gira a cabeça, rodando as antenas.

Coloca-se mais de lado junto à fresta da porta, para ouvir melhor.

PAI - O violino está incomodando?

INQUILINO - De jeito nenhum. É a sua filha?

PAI - E quem haveria de ser?

MÃE (*ralhando suavemente com o Pai*) - Samsa... É a nossa filha Grete, sim, senhor.

INQUILINO - Será que a mocinha não quer tocar aqui na sala?

PAI - Mas é claro. É claro. Às suas ordens. Minha mulher vai chamar.

MÃE - Um minutinho.

Todos se agitam na sala.

Gregor arrisca olhar com a cabeça para fora da fresta da porta.

A música recomeça, mais próxima e vibrante: o mesmo adágio muito triste.

Gregor começa a estremecer inteiro.

Num enorme esforço, apóia as patinhas na porta e coloca-se quase na vertical.

Acompanha o ritmo com a cabeça.

GREGOR (*sua voz, ainda compreensível, desmancha-se sob os chiados e estalidos*) – Como é que eu posso ser um animal se eu sinto a música assim no meu coração?

Deixa cair o corpo e com grande sacrifício passa pela fresta da porta.

Sai.

A música prossegue.

De repente, ouve-se uma cadeira que tomba ruidosamente.

INQUILINO (*grita*) - Ahhh!

A música cessa instantaneamente.

Ouve-se o ruído do violino caindo no chão.

Gregor surge de costas na porta, metade do corpo para dentro, metade para fora.

Está tremendo.

Ouvem-se as vozes do Pai e do Inquilino que vão da sala para o corredor, desaparecendo aos poucos.

PAI - Não, não, não. O senhor fique tranqüilo... Não precisa se...

INQUILINO - Nem uma palavra. Nem uma palavra. Não sei o que significa isso, mas diante das condições desta casa, o nosso contrato está desfeito. Não fico aqui nem um dia mais e é evidente que não vou pagar nem um tostão pelos dias que eu passei aqui. Ao contrário, acho que vocês é que ficam me devendo. Vocês... Onde já se viu...

Os passos do Pai, voltando ainda não cessaram quando a Irmã bate as mãos na mesa.

IRMÃ - Pai, mãe, isso não pode continuar assim. Acho que vocês ainda não entenderam, mas eu entendi tudo muito bem. Não vou falar o nome do meu irmão na frente dessa criatura, mas vou dizer uma coisa: não dá mais para ele ficar aqui. A gente fez todo o possível e ninguém vai poder falar nada de nós. Mas agora acabou.

PAI - Tem toda razão.

Gregor recua lentamente para dentro do quarto.

Com enorme esforço, fecha a porta por dentro.

E arrasta-se para o centro do espaço.

IRMÃ - Eu não agüento mais. *(cai em prantos)*

MÃE - Minha filha, o que a gente pode fazer?

IRMÃ *(chorando)* – Não sei, não sei.

PAI - Se ele pelo menos entendesse o que a gente diz... Se a gente pudesse fazer um acordo.

IRMÃ - Ele tem de ir embora, pai, é a única solução. Vocês não podem pensar que aquilo é o Gregor. Ele não é o Gregor. Se fosse, já teria entendido que seres humanos, como nós, não podem viver junto com uma criatura dessas. Ele devia era ter ido embora de livre e espontânea vontade. Eu ia perder um irmão, mas ficava com as lembranças. Desse jeito... fica essa criatura nos perseguindo, assusta o inquilino que a gente arrumou com tanto sacrifício... Se continuar assim, vai acabar querendo o apartamento só para ele, e nós... nós vamos acabar na sarjeta.

Ouvem-se os passos da Irmã correndo e a chave gira na fechadura com grande ruído.

GREGOR – *(suas últimas palavras, quase incompreensíveis)* E agora?

Música.

Gregor faz um grande esforço e consegue mexer as perninhas desarticuladamente.

*Não consegue mais sustentar o corpo e pousa lentamente sobre a barriga.
Sua cabeça faz um grande giro e junto à música ouve-se algo como um doloroso gemido.
Ele pende a cabeça para a frente, uma das antenas cai inerte, a outra vibra no ar um instante. E tomba no chão.
Gregor está morto.
A luz vai baixando lentamente, primeiro na cena, depois na parede de olhos vigilantes.
Black out.
A música cresce, cresce.*

*Na parede do fundo, ilumina-se o recorte da janela ensolarado.
A porta se abre brutalmente. A música cessa.
A Criada olha para dentro com a vassoura na mão.*

CRIADA (*chamando*) - Ô... Ô, bicho feio!

*Como Gregor não reage, ela entra com a vassoura.
Cutuca-o de longe com a vassoura.
O corpo de Gregor desliza, inerte.*

CRIADA - Xiii!... (*sai depressa do quarto*) Dona Grete! Dona Grete! Venha ver só uma coisa. Ele tá lá. Morto. Morto que nem uma pedra. Venha ver!

*Grete entra, vestida para sair para o trabalho, e olha de longe.
A Criada entra atrás dela e vai até Gregor.
Torna a cutucá-lo com a vassoura.*

CRIADA - Olha só uma coisa. Agora que dá pra ver como ele tava magro. Também... não comia mais nada, a comida saía daqui do jeito que entrava.

MÃE (*de fora do quarto*) – É verdade, filha?

IRMÃ - É.

MÃE (*chorando, baixinho*) – Coitadinho...

PAI - Graças a Deus. Melhor assim, mulher, acabou o tormento, descansou.

CRIADA - É.

A Criada faz o sinal da cruz e junta as mãos numa oração.

A Irmã olha para ela e sai do quarto depressa.

A Criada a segue. Fica para na porta do quarto, olhando para a sala, de costas para Gregor.

PAI - Acho que nós todos merecemos um descanso.

MÃE - Mas o seu trabalho? E a Grete?

IRMÃ - O pai tem razão. A gente telefona, dá uma desculpa.

MÃE - Mas... mas... o que nós vamos fazer?

PAI - Um passeio no campo.

IRMÃ - E mudar de apartamento, o mais depressa possível.

CRIADA - Bom, e isto daqui pode deixar por minha conta que eu dou um jeito nisso. Pode deixar comigo.

A Criada sai e bate a porta.

As luzes se apagam instantaneamente.

Fica apenas um foco sobre Gregor morto que vai se apagando muito lentamente.

NARRADOR – A família Samsa pegou o bonde até o ponto final no parque da cidade. Era o primeiro dia de sol da primavera. Sem dizer nada, o Pai e a Mãe perceberam que Grete já era uma moça e logo estaria pensando em casamento. Quando chegaram ao destino, Grete percebeu o brilho de orgulho nos olhos deles. Levantou-se para descer e espreguiçou o corpo jovem e bonito.

Música.

Black out.

FIM

São Paulo, 6 de agosto de 2001